

O Oeste Paulista de Pedro Nava

JOAQUIM ALVES DE AGUIAR
Para Dona Nitinha

É EM MONTE APRAZÍVEL famosa a *diáspora* de escritores e intelectuais mineiros, entre os anos 20 e 60 do século que há pouco findou. Humberto Werneck,

ele mesmo um mineiro *exilado* em São Paulo, falou de pelo menos três gerações descendo as montanhas, rumo ao Rio principalmente (1). O então centro burocrático e artístico do país, mistura de metrópole com balneário, era atração quase irresistível para quem se sentisse sufocado na província, para quem quisesse melhorar de vida (abiscoitando um cargo público, por exemplo), ou para quem se sentisse presa da “atávica atração pelo mar”, conforme expressão atribuída por Werneck a Francisco Iglésias.

Pedro Nava, autêntico representante da primeira geração, a modernista, que teve em Drummond seu nome mais ilustre, não fugiria à *regra*. Tinha o coração voltado para o Rio, onde passara certo período da infância – o mais feliz dentre os tantos que recordou em suas volumosas *Memórias* – e boa parte da adolescência, aluno interno que fora do Colégio Pedro II. Todavia, há, no caso de Nava, uma sensível diferença no modo de cumprir o trajeto do *exílio*: ao deixar Belo

O presente artigo, dedicado a Dona Anita Arrigucci, de quem já ouvi muitas histórias sobre o interior paulista, compreende versão ligeiramente alterada de palestra proferida na Fundação de Ensino Superior Octávio Bastos, de São João da Boa Vista, SP, em 27/4/2001. Agradeço à professora Sonia Antakly Noronha a oportunidade do convite.

JOAQUIM ALVES DE AGUIAR é professor no Departamento de Teoria Literária da USP e autor de *Espaços da Memória. Um Estudo sobre Pedro Nava* (Edusp/Fapesp).

¹ Ver, do autor, *O Desatino da Rapaziada. Jornalistas e Escritores em Minas Gerais* (São Paulo, Companhia das Letras, 1992), sobretudo o último capítulo: “As Montanhas Visitas de Longe” (pp. 185-92).

Horizonte, o escritor fez um atalho paulista, escapando, assim, à tendência de tomar o trem da Central diretamente para a cidade, como diz a marchinha carnavalesca, “cheia de encantos mil”.

Findo o curso secundário, Nava sobe a serra novamente. Vai viver na companhia da mãe, que trocara Juiz de Fora, a sede da família, por Belo Horizonte. É aí, na então jovem capital mineira, que fará, durante os anos 20, seu curso de Medicina, e que, uma vez formado, buscará estabelecer-se como médico. O profissional em início de carreira prometia, segundo suas reminiscências, aqui narradas em terceira pessoa e em discurso indireto livre: “Ia para São Paulo deixando para trás tudo o que conseguira em Belo Horizonte. Tinha uma situação principiada no ensino, dois bons empregos, uma clínica pequena mas promissora – mas nada disso segurá-lo-ia mais na sua cidade” (2).

Acontece que o rapaz se envolvera com uma moça que, acometida por doença incurável, acabou se suicidando. Talvez Nava esperasse um acontecimento qualquer que justificasse deixar sua Minas Gerais. Por mais doído que fosse o desfecho daquela história amorosa, chegara a hora do adeus. O escritor tinha já, como diria Bandeira, “a lição de partir”.

Obviamente, sua meta era o Rio. Mas acontece também que, naquela altura, seu grande amigo, o médico pernambucano Joaquim Coutinho Cavalcanti, contemporâneo de Nava na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, vivia em Engenheiro Schmidt, lugarejo próximo a São José do Rio Preto, em pleno *sertão* paulista. Perfeitamente integrado à vidinha hipocrática da roça, esse homem generoso, que passamos a admirar nos relatos em que Nava o toma para homenagear, resolve acolher o amigo em sua casa, além de providenciar para ele meios de se estabelecer como médico na região. Começa assim a narrativa de “Oeste Paulista”, segundo capítulo de *O Círio Perfeito*, sexto e último volume das *Memórias* do nosso escritor mineiro.

Nava foi morar em Monte Aprazível, cidade nova e pequena e, como as outras

em redor, movida pela agricultura cafeeira. Permaneceu dois anos ali, entre 1931 e 1933, clinicando e se exercitando na arte médica. “Oeste Paulista” chega a parecer um romance dentro das *Memórias*: são 168 páginas, tamanho suficiente para um livro, diga-se logo, de relato ameno, divertido e instrutivo. Contribuí para produzir tal efeito romanesco o fato de Nava narrar em terceira pessoa (seu protagonista é seu *alter ego*, o Dr. Egon) (3), e de fazer uso constante do diálogo. Isso, porém, não é tão importante quanto a reconstituição da paisagem e da vidinha da cidade que tão bem o recebeu. O aprazível do nome se espria num tom de crônica, cuja marca é sem dúvida a afetividade. É que Nava viveu ali um de seus bons períodos da vida, de modo que a narrativa não esconderá a ternura do homem que rememora o lugar e as pessoas que nele conheceu.

Para nós paulistas, sempre às voltas com a destruição da memória – pois, excetuando-se algumas regiões mais paradas no tempo, vivemos num estado em permanente mutação –, “Oeste Paulista” nos toca muito de perto. Se não for exagero, a maioria de nós, os mais velhos sobretudo, sempre cultivamos no coração uma cidadezinha perdida. Seja como for, Nava reconstituiu um passado que nos diz respeito, e que pode nos comover.

Um dado característico da obra de Pedro Nava é sua vocação documental. Lidando com um gênero híbrido, o memorialismo, o escritor foi um incansável guardador de papéis: documentos de família, fotografias, diários, cadernos, recortes de jornais e revistas, etc. Trabalhava com um avantajado arquivo, fazia uso de fichas, desenhava para ativar a memória e, no fim da vida, escrevia para amigos e conhecidos, distribuindo questionários com o intuito de obter dados corretos. Isso quer dizer que a documentação o apoiava, e que sua preocupação em fazer o relato fiel de certos acontecimentos era bastante grande. Ocorre que Nava lida com a existência de muitas pessoas, que além de fazer autobiografia é também um biógrafo de muita gente, daí inclusive seu apego ao documento. No caso da passagem

2 Pedro Nava, *O Círio Perfeito*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p. 101. As citações da obra serão feitas a partir desta edição, indicando-se apenas, quando for o caso, o número da página antecedido pela sigla CP.

3 Egon Barros da Cunha, desdobramento do “eu naviano”, passa a protagonizar a narrativa das *Memórias*, a partir do quinto volume da obra, *Galadas-Trevas*.

em questão, o escritor se vale muito de um livro justamente chamado *Oeste Paulista*, da autoria de Antonio Tavares de Almeida (4).

TAVARES DE ALMEIDA

Eu diria que Nava tinha o tom: calorosas lembranças para narrar, mas que lhe faltava o enquadramento: dados sobre a região que queria reconstituir e homenagear. O memorialista não tinha raízes e nenhuma outra experiência na região além daquela temporada relativamente curta ali passada. *O Círio Perfeito* foi escrito no começo dos anos 80, de modo que já lá se ia quase meio século desde que Nava havia deixado Monte Aprazível, sem que jamais tivesse retornado à cidade. Tudo o que tinha eram recordações. Portanto, preciso como era em matéria de memória, necessitava de apoio para trazer à tona o mundinho que experimentara, ali, no alvorecer de sua maturidade (5).

Mas não se pense que Nava tenha ido procurar em bibliotecas sua fonte de consulta. Sua pesquisa, no caso, é da ordem afetiva, pois o nosso escritor fará uso da obra de um amigo para voltar no tempo. Antonio Tavares de Almeida é personagem de destaque no relato de “Oeste Paulista”. Advogado, de origem pernambucana, exercia a profissão em Monte Aprazível, onde era figura proeminente. Era amigo de Coutinho Cavalcanti. Hospedou, a pedido deste, Nava em sua casa, logo que este chegou à cidadezinha. Tornaram-se amigos. Tavares introduziu Nava na sociedade de Monte Aprazível. Era homem culto e elegante. Sua primeira aparição mostra-o num “chambre de banho às riscas pretas e brancas” (CP, p. 178). Vivía só, um tanto machadianamente, num sobradinho, com um criado, em meio a livros e processos jurídicos que acompanhava. Nas horas de lazer, jogava suas partidas de tênis. Com pronunciada vocação intelectual, a que se somavam qualidades de um bom pesquisador, Tavares de Almeida tornou-se um

conhecedor profundo da região que o acolhera – e aos amigos, Cavalcanti e Pedro Nava, *estrangeiros* como ele naquelas paragens.

Com efeito, o livro de Tavares de Almeida, publicado em 1943, compreende um pequeno tratado etnográfico sobre a região de São José do Rio Preto. O autor pretendia escrever uma “obra cíclica”, da qual *Oeste Paulista* seria o primeiro volume, com o objetivo de apresentar sugestões para a realização da reforma agrária brasileira. O aumento da capacidade aquisitiva do camponês, resultado da posse mais justa e da utilização mais equilibrada da terra, viria a incrementar o mercado industrial do país, naquela altura, em fase de franca expansão. Infelizmente, tal obra não chegou a ser escrita. Mas *Oeste Paulista* vale por si só. Funciona como um documento extraordinário sobre a região, espécie de fotografia da sua formação tirada num estilo sociológico-literário, à moda antiga, como ocorre em clássicos como *Os Sertões*, *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*.

Dei com o livro, há muito empoeirado, num fim de estante da biblioteca do Departamento de Geografia da USP. Tavares de Almeida inicia pela paisagem. Ali, diz ele, a “natureza é sem relevo”. E continua: “Não surpreende nem arranca exclamações. Cansa o viajante e desaponta o artista [...]. É uma região sem beleza natural. Os campos são simetricamente iguais [...]. As povoações não nasceram de um pouso, à beira da estrada, onde os homens fossem agrupando. Plantou-as a previdente engenharia de um vendedor de terras” (p. 13).

Da paisagem, cujo signo é a monotonia, salta-se logo, como se vê, à ocupação. E o autor vai explicando: “Veio na frente, cautelosamente, o mineiro, bandeirante de retorno. Veio depois a baianada destemida. E começou a música dos machados das derubadas. No rastro das alpercatas, vieram os filhos das gentes distantes. Arderam as piras das queimadas e para guardar o pudor da terra nua, em promessas de generosas colheitas, cobriram-na com o manto verde dos cafezais. Aqui e ali, se traçou a planta de uma vila que, ainda úmida da floresta, já

4 Antonio Tavares de Almeida, *Oeste Paulista*, Rio de Janeiro, Alba Editora, 1943. Outra fonte preciosa para a elaboração desse capítulo das *Memórias* foi a coleção do jornal *A Cidade*, publicado em Monte Aprazível, de propriedade do português Constantino de Carvalho, amigo de Nava. Conf. *O Círio Perfeito*, op. cit., p. 247.

5 O escritor ia completar 30 anos quando trocou o Oeste Paulista pela Beira-Mar, o Rio de Janeiro de seus sonhos, onde viveu até o fim da vida.

6 Refiro-me aqui ao ensaio "Experiência e Pobreza", do pensador alemão.

7 Antonio Candido inicia seu estudo "A Revolução de 1930 e a Cultura" falando em certa "atmosfera de fervor", em "marco histórico", em "configuração nova", e na capacidade que o período teve de provocar o sentimento de que "houve um 'antes' diferente de um 'depois'". Ao longo do ensaio, o crítico abordará, entre outras coisas, certos aspectos da tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas e do conseqüente processo de esquerdização da vida cultural brasileira durante aqueles anos. Ver, do autor, *A Educação pela Noite & Outros Ensaio*, São Paulo, Ática, 1986, pp. 181-98.

O escritor

Pedro Nava

era cidade" (p. 14). E eis o diferencial, aquilo que especifica a tomada do território: "O homem não chegou a esta terra pela fascinação aleatória das pepitas. Não ouviu o grito mágico dos garimpos. Não veio para a aventura, mas para a fortuna certa que a terra dá aos que a trabalham" (p. 14).

A conhecida parábola recolhida e comentada por Walter Benjamin, do velho e experiente agricultor que, ao morrer, ensina aos filhos a *essência* da vida, cai aqui como uma luva (6). É que as mãos são de mestre, conforme se vê. Metáforas precisas, contorno poético das imagens, estilo elegante e afetivo que, sem sombra de dúvida, não escapou a Pedro Nava. Como acontece em certos bons romances, o trecho acima, logo no começo, antecipa o li-

vro inteiro. A história da região é resumida em poucos parágrafos, de modo que o restante da obra será uma explicação detalhada do que o seu início condensa. Digamos que a poesia no início se desdobrará em prosa, uma prosa científica (Tavares de Almeida fez pesquisa séria em cartórios, consultou censos demográficos, leu muito, entrevistou pessoas, tirou conclusões, etc.), que não chega a oprimir os espaços da imaginação do ensaísta. Não é o caso de detalhar aqui todos os aspectos do livro. Fiquemos apenas com suas linhas essenciais. O autor elogia o *melting-pot* provocado pela imigração estrangeira. O convívio e a mistura de raças e culturas, em terra dadivosa, propícia ao enraizamento humano, haviam produzido uma dinâmica *particularizada* de vida, dando uma nova configuração ao modo de ser brasileiro, uma vez que a nossa cultura absorveu as demais, saindo-se "enriquecida pela contribuição das experiências dos grupos que nela se acomodaram" (p. 191).

As condições para que tal fato ocorresse estavam relacionadas com o cultivo do café (e do algodão, em escala mais recente e menor), com a propriedade de proporções mais razoáveis (evitou-se o latifúndio), com os sistemas de parceria agrícola, e com a fixação do homem à terra; isso sem contar a receptividade brasileira à contribuição cultural dos povos ali chegados. Enfim, o livro sugere que a região da Alta Araraquarense mostrava o desenho de uma nova civilização, sem os vícios das regiões mais antigas (a escravidão, por exemplo), e poderia servir de modelo para o Brasil. O cosmopolitismo, fruto da mistura, e já então existente nas grandes cidades, podia ser visto ali, naqueles altiplanos, em meio à atividade agrícola. Sem muita tradição a preservar, a região parecia ao estudioso aberta ao novo, que, bem ou mal, impunha transformações no país. Não vamos nos esquecer: o olhar de Tavares de Almeida é o de um homem dos anos 30 (7).

Mas não me cabe aqui (e nem seria de minha competência) conferir a força dessas idéias sociológicas. Mesmo assim, vale registrar que *Oeste Paulista* foi muito bem-



recebido por Pierre Monbeig, catedrático de Geografia e membro da *missão francesa* que atuou na USP durante as décadas de 30, 40 e 50 (8). Monbeig resenhou o livro para *O Estado de S. Paulo*. De acordo com o resenhista, tratava-se de “um verdadeiro acaso ver publicado um estudo, não somente inspirado pelos pontos de vista modernos das ciências do homem e baseado em leituras inteligentes e assimiladas, como, ao mesmo tempo, obra de um homem mergulhado no meio estudado e cuja vida está [esteve] ligada à dos homens dos quais nos fala” (9).

Como se vê, Monbeig marca logo de cara (pois a passagem se encontra no primeiro parágrafo da resenha) a erudição do autor, a atualidade (para a época) do seu método, e a experiência do homem na terra que se faz objeto de sua investigação. Com efeito, Tavares de Almeida foi desses notáveis intelectuais que a partir de sua província empreenderam esforços para alcançar o todo em que a parte se integra. Noutras palavras, o autor pertence a uma geração que, nos anos 30 e 40, tratou de pensar o Brasil. Sabemos que a região de Rio Preto progrediu muito ao longo das últimas décadas, embora não segundo as idéias do pensador socialista que via, no seu rincão, as condições e a necessidade de implementar ali uma reforma agrária (10).

Li e reli a resenha de Monbeig, e devo confessar que fui acometido por amor à primeira vista. O estilo preciso, o conteúdo elogioso (sem ser servil) e informativo, e mais o tom de sabedoria depurada fazem lembrar o refinamento dos críticos da revista *Clima* (11). Evidentemente, não é o caso de aqui reproduzir o texto inteiro. Todavia, fique na lembrança do leitor a passagem abaixo da resenha em questão. A certa altura de *Oeste Paulista*, Tavares de Almeida põe-se a descrever os tipos da região. Uma seqüência sobre a professora primária não escapou ao geógrafo francês, atento aos aspectos da Geografia Humana. Tavares diz que a professorinha do sertão é “bandeirante às avessas: não vem buscar, traz”. E Monbeig: “Com a ponta seca de sua caneta rápida, o autor evocou-a [a pro-

fessora] magistralmente. Certamente, em todos os países o professor primário moderno criou um tipo original e digno de admiração: lendo as duas páginas que lhe são dedicadas aqui, pensei naqueles velhos mestre-escolas primários que tanto contribuíram para a instituição da democracia na França, ou naquelas mocinhas recém-saídas das escolas normais, que, em regiões hostis, pela natureza montanhosa ou pelo espírito público, afrontavam as cidadezinhas dos Cevennes ou da Bretanha francesa. Mas sejam quais forem as penas e os méritos dos meus colegas franceses, seu tipo e sua ação não passam de uma réplica, ao lado da professorinha do sertão”.

Veja o leitor se o trecho não vale a pena, o ensaísta pondo a imaginação em movimento, aproximando a sua cultura da nossa, e tirando, no fim, as medidas dos dois mundos que aproxima. E tudo no espaço restrito e efêmero de uma resenha escrita para jornal!

NATUREZA E CULTURA

Voltemos então ao trecho acima reproduzido, do *Oeste Paulista* de Tavares de Almeida, pois ele nos servirá para adentrar o “Oeste Paulista” de Pedro Nava. O primeiro ponto a ser observado é o fato de que a região foi primeiramente ocupada por mineiros, “bandeirantes de torna-viagem”, o que decerto mexeu com a afetividade do médico juiz-forano ali recém-chegado. O segundo ponto é a paisagem, cuja imensidão aplainada fascinou o nosso escritor. O terceiro ponto é o café: Nava ficará impressionado com os cafezais, que guardaram, segundo Tavares de Almeida, “o pudor da terra nua”, desmatada, cobrindo-a com seu “manto verde” (12). O quarto ponto é o *melting-pot*, também alvo do elogio de Nava em sua narrativa. O quinto é a formação recente das cidades: Monte Aprazível era, na época em que Nava ali viveu, um burgo de apenas sete anos. Devia estar mesmo, como diz Tavares de Almeida, ainda “úmido da floresta”.

8 Monbeig lecionou na USP entre os anos de 1935 e 1946. De volta à França, foi professor da Universidade de Strasbourg, da Sorbonne e do Conservatoire National des Arts et Métiers. Além disso, dirigiu o Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine e a seção de Ciências Humanas do CNRS. Tudo conforme o “Arquivo Pierre Monbeig”, guardado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

9 Pierre Monbeig, “O Oeste Paulista de Tavares de Almeida”, in *O Estado de S. Paulo*, 30/9/43 (sem indicação do número da página).

10 De acordo com Nava, na biblioteca de Tavares de Almeida, além de obras literárias, clássicos sobretudo, e de tratados jurídicos, não faltavam “O Capital de Carlos Marx, Lênin e mais tomos diversos sobre a Revolução Russa e a filosofia marxista” (*O Círio Perfeito*, op. cit., p. 190).

11 Falando em *Clima*, é preciso lembrar que o livro também não escapou a Antonio Candido, que o resenhou para a *Folha da Manhã* (20/2/1944). O grande crítico, então em início de carreira, observa em *Oeste Paulista* “obra de primeira ordem pelo rigor do método e pelo espírito que a anima”, destacando, entre outras coisas, a mistura de estudo demográfico com “considerações de ordem cultural”; os capítulos sobre o *melting-point* e, neles, a abordagem dos problemas de adaptação das etnias na região. Agradeço ao prof. Candido a gentileza de ter-me enviado o texto de sua resenha.

12 Tavares de Almeida concluirá seu livro reclamando a falta de um bom “romance do café”. O assunto será retomado num daqueles ensaios admiráveis de Gilda de Mello e Souza. Refiro-me a “Teatro ao Sul”. De acordo com o ensaísta, a crise do café, logo sucedida pela urbanização acelerada, não teria permitido “o lento desaparecimento de um mundo cuja agonia se pudesse acompanhar com lucidez”, fenômeno tão propício aos romancistas, tal como ocorreu no Nordeste, em relação ao açúcar, por exemplo. *A débâcle do café*, em São Paulo, seria assunto do teatro e do cinema, muito mais que do romance, em parte porque o progresso do drama e do filme paulistas, nos anos 50, esteve ligado ao desenvolvimento urbano da cidade, incluindo aí as vantagens, para os artistas, da profissionalização e do lucro. Ver, da autora, *Exercícios de Leitura*, São Paulo, Duas Cidades, 1980, pp. 109-16.

Para economia do assunto, dos pontos mencionados, vamos dispensar o primeiro, até porque a afetividade do relato já foi mencionada, e fundir o segundo no terceiro, uma vez que ambos se referem à paisagem. No passo seguinte, iremos ao quarto e ao quinto para depois encaminharmos a conclusão. O grande efeito daquelas amplidões era o céu azul e os crepúsculos produzidos no horizonte. Nava se detém neles, em duas ocasiões. A primeira delas se encontra logo no começo do capítulo. Antes de rumar para Monte Aprazível, o rapaz faz pouso demorado em Engenheiro Schmidt, como vimos, na casa de Cavalcanti. Instalado, e logo após o almoço de boas-vindas, farto e demorado, os dois sentam-se à varanda da casinha, típica de interior, à beira da estrada; e de médico de roça, o consultório funcionando na própria residência do doutor. Dali assistirão, como espectadores num bom camarote, ao espetáculo que a natureza, tal como o cozinheiro, conforme veremos adiante, lhes preparara:

“Eram cinco e um quarto da tarde e nas brumas do horizonte geométrico, onde se desfaziam fileiras convergentes de cafezais como que entrando em fumaceira, anunciava-se um crepúsculo que foi se acentuando e adiantando suas duas cores – o rubro que passava a vermelho cada vez mais claro até confundir-se com um azul que escurecia aos poucos até os altos do céu sem nuvens. A estrada silenciava automóveis se espalhando. Os amigos fumavam calados olhando a bola do sol cada vez mais baixa que os encadeava e alumbrou até sumir no poente que nem moeda reluzente na fenda dum cofre. Ficou um resto de sangue no oriente que a casa olhava frente a frente. De repente Vésper luziu. Feito faísca de binga” (CP, p. 118).

Estamos vendo: o tom é dos mais cálidos. A situação lembrada, reconfortante e afetiva, alicerça a poesia da passagem, de inegável valor literário. Certos recursos da linguagem poética são utilizados segundo um senso apurado de composição: conforme o quadro evolui – o sol se pondo, como

se ocupasse o centro de uma tela de cinema –, sobe a temperatura artística do texto (13). A descrição, feita décadas depois da cena vivida, procura conservar o calor do instante: o tempo perdido é reencontrado, diríamos, por obra e graça da poesia que recobre a reminiscência. O narrador recupera então o momento mágico, de amorosa distensão, pois acabara de chegar e vinha, como vimos, de péssima experiência em Belo Horizonte. Ali, naquele momento, a vida lhe parecia uma “página em branco onde ele [o Egon] fosse começar a escrever coisas doces e fáceis...” (CP, p. 118).

Uma figueira-do-mato, eis outro elemento da paisagem que impressionou o médico recém-chegado ao Oeste Paulista. Tal como o crepúsculo, a árvore é descrita duas vezes no capítulo. Era imensa, e plantada logo à entrada de Monte Aprazível. Sua primeira descrição, como a do pôr-do-sol, contribui para reforçar a impressão de permanência do objeto descrito na memória do escritor. Mas teria sido este o exemplar, apoteose botânica em terra fértil, visto por Nava no interior paulista? A pergunta não tem a menor importância, pois o fato é que a figueira-do-mato, como os mortos que “se encantam”, aparece assim:

“Desmedida ramagem, tronco todo irregular e cheio de caneluras – como braço grosso cheio de veias –, raízes retorcidas como miríades de dedos crispados sobre solo que seguram como se o esgaratassem. Suas folhas miúdas tremeluzem e cintilam com luz própria dentro de um céu muito azul. Chovem suas pequeninas bagas. Árvore sem fruto proveitoso mas útil e generosa pela doce sombra” (CP, p. 107).

Haveria algo de fantasmagórico na elaboração dessa imagem? Provavelmente sim, já que a árvore é lembrada como um corpo descomunal e em posição invertida, de cabeça para baixo, um só braço (o tronco) com os dedos cravados no chão (as raízes). O sobrenatural impõe com força a *coisa* descrita, uma força, entretanto, logo suavizada pelos singelos benefícios que a mesma *coisa* produz: as folhas miúdas, as

13 Exemplos do final do trecho: a rima incessante (poente, reluzente, oriente, frente a frente); as aliterações (ficou, feito, faísca); os símiles (o sol como moeda, o brilho da estrela feito faísca); e a metáfora, aliás fortíssima (resto de sangue).

bagas, a sombra generosa. Essa enorme figueira, que parecia uma sentinela de fortificação, abrirá o relato sobre a cidade, pois, como diz o narrador, “é o arvorão que entrega Monte Aprazível ao Egon [...]. Gigante vegetal onde se encantaram uma cidade mocidade. Saudade” (CP, p. 107) (14). Como se vê, a árvore, ao mesmo tempo em que abre o relato, funciona como pormenor (embora gigante, é um detalhe da paisagem) que, sempre lembrado, permite a reconstituição da experiência; ela é o “gatilho para a renovação e revivência [do narrador] nos seus momentos de reentrega à memória” (CP, p. 107). Talvez o *monstro* frondoso e esgalhado seja ainda metáfora da própria memória, pois é assim que as *Memórias* de Nava funcionam: galhos de um tronco sólido que se projetam no tempo e no espaço (15).

Do crepúsculo e da figueira, elementos significativos da paisagem, passamos aos cafezais. A natureza se transforma em cultura, abrindo-se para a vida de relações, para a crônica da cidade que se lerá ao longo do capítulo. Observa o narrador que os cafeeiros “iam paralelos”, à beira da estrada, “e convergentes até o limite horizonte céu chão” (CP, p. 111). Em disposição geométrica, pareciam “filas de batalhões que fossem invadir a cidade” (CP, p. 111). Com efeito, Monte Aprazível “Começava onde acabavam os cafezais. Terminava uma fazenda e principiava o aglomerado urbano” (CP, p. 176). Estas e outras várias observações acerca da paisagem dominada pelo café dão a medida da força com que o produto comandava a economia da região.

Havia café por todos os lados. Nas casas, era (e ainda é) a bebida do acolhimento. Quando Egon, vindo de Engenheiro Schmidt, na companhia de Cavalcanti, chega ao “sobradinho do Tavares”, não tarda a ouvir “o ruído da hospitalidade do interior de São Paulo – o de uma máquina de mesa de moer acompanhada logo do cheiro do grão do café torrado: penetrante, invasor, presente e duradouro” (CP, p. 179). O cafezinho será então “um regalo para as mucosas dos recém-chegados – secas da poeira da estrada” (CP, p. 179). A hospita-

lidade regida por Tavares de Almeida se estenderá, como os galhos da figueira em direção ao azul do céu, pela cidade: o médico forasteiro será acolhido em todas as instâncias necessárias à implantação da nova vida: o farmacêutico lhe abrirá as portas, incluindo crédito e indicação de clientes; o hotel lhe alugará sala para montar consultório; os parceiros médicos lhe proporcionarão conversas e conselhos; os pacientes não tardarão a bater em sua porta; a quadra de tênis será espaço para seu lazer; seus bolsos não ficarão vazios, etc. Entramos, assim, naquilo que há pouco chamamos de vida de relações. Nasce daí a crônica que reconstitui a cidade de Monte Aprazível nas *Memórias* de Pedro Nava.

Vimos que, do ponto de vista cultural, o que mais chamava a atenção no Oeste Paulista era a mistura das raças, favorecida pelo atrativo da lavoura cafeeira. Vimos também que Coutinho Cavalcanti abria os braços ao amigo para que este fosse ter com ele e que ali iniciasse vida de médico do interior. Vimos ainda que o mesmo Cavalcanti se estabelecera em Engenheiro Schmidt, lugarejo “a dez quilômetros e pico” de Rio Preto. Pois bem. A chegada do Egon à casa do amigo beira o triunfal. Nenhuma ostentação entretanto. A singela elegância é conduzida pelo afeto dedicado ao ente querido, afeto ali simbolizado na cortesia e no apuro do almoço oferecido ao viajante recém-chegado.

A refeição é preparada por um compare de Cavalcanti, o Guady Jorge, cuja especialidade era a cozinha sírio-libanesa. Indagado pelo *menu*, o “turco” vai logo dizendo:

“decidi por coisa muito simples. Um caldinho verde pra começar. Depois o macarrão que tá li pra temperar na hora, *al burro* e *al parmejão*. Terceiro uma galinha ao molho pardo e polenta. Fui no boteco e trouxe Chianti: – três garrafas dum bem duro e três dum adocicado, tipo San Geminiano. Depois tem baba-de-moça e *harat-locoum* que a Amabile [sua mulher] mandou para o doutor e pros amigos do doutor. Pra preparar o estômago trouxe da minha pinga es-

14 Essa inflexão, que mostra a última palavra da frase anterior fazendo rima com a palavra “saudade”, utilizada logo em seguida, na forma de uma oração absoluta, é muito frequente na obra memorialística de Nava. Nem precisaríamos lembrar que o procedimento é inspirado em Mário de Andrade. Aparece em *Lira Paulistana*, onde se lê, por exemplo: “Querendo eu morrer quero ficar, / Não contem aos meus inimigos, / Sepultado em minha cidade, / Saudade”.

15 Davi Arrigucci Jr. observou que as *Memórias* de Nava mostram uma espécie de construção arbórea, tanto ao nível do enredo, que a partir de um tronco sólido “se multiplica em mil e uma histórias diferentes”, quanto ao nível da história familiar, largamente contada na obra, “que transforma em natureza viva os ramos da árvore genealógica”. Ver, do autor, o ensaio “Móbile da Memória” [imprescindível para quem queira abordar a ficção memorialística de Pedro Nava], em *Enigma e Comentário* (São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 67-111).

pecial e fiz um petisquinho de fibra de carne crua para enrolar no palito e molhar nesta mostarda posta em carne viva com pimenta-do-reino” (CP, p. 112).

Como podemos ver, o *melting-pot* estudado por Tavares de Almeida aparece aqui, no cardápio de pratos misturados do imigrante Guady, sangue árabe correndo nas veias: a brasileiríssima pinga acompanhando o petisco estranho à nossa tradição; o doce muito nosso ao lado do outro; o caldinho verde, português, antes da pasta italiana; a mineira galinha ao molho pardo, com a polenta no lugar do angu. Por fim, o Chianti, o *duro* e o adocicado, para acompanhar as iguarias do notável cozinheiro, muito cosmopolita e bom *gourmet*. Não surpreende, portanto, que após a refeição “luso-brasílica-italo-arábica” (CP, p. 118) e o café à moda paulista (triturado na hora), já fumando seus “Petit-londrinos”, os amigos venham a se espapaçar na varanda, o camarote de onde aplaudem com os olhos o espetáculo do pôr-do-sol que há pouco abordamos. A narrativa é plena de felicidade.

AULAS DE BRASIL

Mas, obviamente, nem tudo são flores na vida. O rapaz terá que se submeter aos testes da profissão ainda mal-iniciada. Será, como Cavalcanti, um médico típico da roça: clínico, operador e parteiro; transitará pelas fazendas; socorrerá pacientes de madrugada, sob céu limpo ou debaixo de tempestades; fará perícia em cadáveres antes de emitir atestados de óbito, etc. Como outros profissionais liberais do lugar, esperará pelas colheitas para receber seus proventos. Acima de tudo, será esse um período de aprendizado para ele, um aprendizado que inclui leituras de cunho social, esquadizantes.

O primeiro livro que lhe cai às mãos, ainda em casa de Cavalcanti, é *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, escrito “por certo Friedrich Engels” (CP, p. 122 – naturalmente, o grifo é meu). Mais

à frente, diante da tal figueira-do-mato, o médico exclamará: “Que árvore, Cavalcanti. Que árvore magnífica!”. Ao que o amigo acrescenta, imprimindo nota realista à exclamação do outro: “É deste solo Gonzinho, este solo que daria para todos se não fosse propriedade de tão poucos...” (CP, p. 177). O apaixonado leitor de Proust e Maupassant tomava ali sua *lambada*, bem brasileira (16). Afinal, embora a organização social daquelas paragens fosse de certa maneira modelar – culturas misturadas, ausência de tradição escravista, plantações de café revestindo a paisagem, pequenas propriedades, etc. – e representasse um modelo a ser seguido, aquilo tudo “ainda” era Brasil: a posse da terra na mão de poucos.

Vimos que Tavares de Almeida queria apresentar, com sua obra, propostas para execução da reforma agrária, talvez a maior dívida social brasileira, desde o descobrimento. Coutinho Cavalcanti também era homem voltado para o problema, de modo que seu comentário não é feito ao acaso, ou por mero sentimento das injustiças. Em “Oeste Paulista”, Nava empreende uma autêntica biografia do seu grande amigo. Ela funciona de maneira quase autônoma, como se fosse um opúsculo de 35 páginas (20% do total) em meio ao “livro”. Algo no gênero só ocorreria, em *Balão Cativo*, com o escritor Antonio Salles, tio do memorialista, figura muito querida, e seu mentor na fase de adolescência (17). Essas “paradas do narrador”, que mergulha em seu trabalho de biógrafo, dão a medida da importância das duas figuras na vida do homem que recorda.

A certa altura, o retrato de Cavalcanti nos surpreende com a seguinte informação: “Em 1959 ele encontra-se em São Paulo com um homem que seria conhecido do mundo com sua boina, sua barba e bigodes ralos, sua cara de índio sereno” (CP, p. 160). Tratava-se, naturalmente, de Che Guevara, a quem o amigo de Nava, então deputado federal, entregaria “cópia de seu plano de reforma agrária”. Mais surpreendente ainda é o fato de que, tendo sido levado o documento a Cuba, o governo socialista da ilha não tardaria a implantar ali o

16 Cavalcanti e Tavares de Almeida introduziram Nava na leitura de obras de sociologia política, ministrando-lhe, em “doses maciças: socialismo, marxismo, leninismo, luta de classes, revolução russa” (O *Círio Perfeito*, op. cit., p. 219). O escritor, já bem iniciado no Modernismo, ganhava ali consciência mais apurada dos problemas sociais de um país como o Brasil. Todavia, mesmo se confessando um libertário, Nava não viria a ser propriamente um homem de esquerda, no sentido que Cavalcanti e Tavares o foram, ambos ligados ao Partido Comunista Brasileiro.

17 Pedro Nava, *Balão Cativo*, 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1977, pp. 229-64.

que Cavalcanti pensara em implantar aqui. De acordo com Nava, o trabalho do amigo, publicado em livro e traduzido ao castelhano, teria recebido uma saudação de Nuñez Giménez, nos seguintes termos: “*Al doctor Coutinho Cavalcanti a quien la patria cubana debe las ideas de su reforma agraria*” (CP, p. 160).

Vemos que não falta engenho e senso de justiça social a certos brasileiros. O que falta ao Brasil é vontade política para a construção de um país mais humano. A experiência com homens da estatura humana e intelectual de um Tavares de Almeida e um Cavalcanti contribuiu para o tom das recordações navianas do Oeste Paulista, além, é claro, de ter enriquecido a sua formação, como médico e como cidadão esclarecido sobre os dilemas do seu país. Mesmo certas mesquinhas e *provincianices*, que repontam na crônica da cidade, em nada alteram o teor geral da narrativa, que é dadivosa como busca ser a terra em que os acontecimentos se dão.

Já dissemos que Monte Aprazível era lugar recente no mapa, e muito pequeno (dispunha, na época, de cinco a seis mil habitantes). Todavia, o progresso soprado pelos cafezais sem fim não era de se desprezar. Nava completaria um quadro de sete médicos na cidade. Dois hotéis, correios, jornal e clube de tênis mostravam equipamentos urbanos razoáveis para uma localidade tão nova e minúscula. Seu maior problema vinha justamente da zona rural: o paludismo, que a prosperidade, até ali, não conseguira esconder ou erradicar. O Brasil, quando não entra pela porta principal, o faz pela dos fundos. Graciliano Ramos, se bem me lembro, fala, na mesma época, do mesmo problema em sua gestão na prefeitura de Palmeira dos Índios, nas Alagoas. Queria o romancista empreendedor de *São Bernardo* plantar eucaliptos no município, com o objetivo de secar os brejos. A mesma medida é utilizada em Monte Aprazível (18).

Mas acho que já é tempo de concluir. Para tanto, eu diria que “Oeste Paulista”

compreende o derradeiro sopro verdadeiramente criativo da obra de Pedro Nava. Movido por todas essas lembranças, ele está inteiro ali: o excelente pintor de paisagens e ambientes, o caricaturista impagável das pessoas, o homem atento à vida, o viajante, o degustador exigente de pratos, o médico vocacionado, o grande contador de casos, o provinciano e o cosmopolita, etc.

Mas ainda cabe registrar que o rapaz deixa a região no início de 1933. E por duas razões, a segunda mais importante que a primeira. A primeira: o movimento de 32, ao qual aderem Cavalcanti e Tavares, deixou o mineiro bastante desconfortável em Monte Aprazível; a segunda: findo o período de dois anos, o jovem médico já havia feito seu pé-de-meia – “quinze e poucos contos”, dinheiro suficiente para “seis meses à tripa forra” no Rio, cidade a que se destinara desde que partira de Belo Horizonte. Na então capital do país, iria ser funcionário público. Nem de longe sua atuação como médico da prefeitura carioca produziria relato à altura da narrativa de “Oeste Paulista”.

O balanço feito pelo narrador de sua temporada na Alta Araraquarense nos diz tudo: “Lucrara com o interior. Sua cirurgia e obstetrícia rudimentares completavam sua figura de médico e principalmente a de médico clínico geral. [...] Amadurecera. Sua medicina não faria feio em lugar nenhum. Enriquecera de experiência” (CP, p. 270). Até aqui, seu assunto é a profissão: dinheiro e tarimba obtidos com ela e por ela. Mas há o outro aspecto, no qual procuramos insistir ao longo do artigo: aqueles tempos “tinham-no esfocinhado no Brasil”. Realmente, como um experimentado obstetra, o médico “metera até os cotovelos os braços no seu país e no caldeirão onde sofre sua gente” (CP, p. 270). Para além da forte amizade que os unia, não deixa de ser emblemático que, passando pela então “Londres das neblinas finas”, antes de subir no trem da Central, Nava tenha ido abraçar Mário de Andrade.

18 Quase no fim do relato, Nava relembra seu engajamento na campanha pública de educação médica e saneamento da cidade, com o objetivo de combater a malária. O “Plano de Quinização” previa também o plantio de eucaliptos (O Círio Perfeito, op. cit., pp. 258-9).